

Universidade Federal do Espírito Santo

Programa de Pós-Graduação de Mestrado
Profissional em Educação

VIVIANE BASILIO DE SOUZA LAURIANO

**NJILA:
CÍRCULOS DE DIÁLOGOS
ANTIRRACISTAS NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**





VIVIANE BASILIO DE SOUZA LAURIANO

NJILA: CÍRCULOS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão, com orientação da Professora Dr^a. Cleyde Rodrigues Amorim.
Área Temática: Educação das relações étnico- raciais

VITÓRIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO – PPGMPE

PAULO SERGIO DE PAULA VARGAS
Reitor

RONEY PIGNATON DA SILVA
Vice-Reitora

VALDEMAR LACERDA JÚNIOR
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

REGINALDO CÉLIO SOBRINHO
Diretora do Centro de Educação

SILVANA VENTORIM
Vice-Diretor do Centro de Educação

ALEXANDRO BRAGA VIEIRA
Coordenador do Programa de Pós-Graduação de
Mestrado Profissional de Educação

ANDRESSA MAFEZONI CAETANO
Coordenadora Adjunta do Programa de
PósGraduação de Mestrado Profissional de Educação

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

L384c Lauriano, Viviane Basilio de Souza, 1977-
Os Círculos de Diálogos na construção de práticas
educacionais antirracistas / Viviane Basilio de Souza Lauriano. -
2023.
198 f.

Orientadora: Cleyde Rodrigues Amorim.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação das relações étnico-raciais. 2. Lei nº 10.639/2003.
3. Círculo de construção de paz. 4. Pedagogia decolonial. 5.
Valores civilizatórios afro-brasileiros. 6. Antirracismo. I.
Amorim, Cleyde Rodrigues. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



QUEM SOMOS?

A autora

VIVIANE BASILIO DE SOUZA LAURIANO



Filha de trabalhadores braçais, assalariados. Mulher preta, formada pelas Comunidades Eclesiais de Base e Pastoral da Juventude. Sou professora da educação básica da rede pública. Licenciada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Educação Pobreza e Desigualdade Social. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação. Pesquisa temas voltados à educação das relações étnico-raciais e pedagogia decolonial. Sou uma voz de resistência.

A orientadora

CLEYDE RODRIGUES AMORIM


É doutora em Antropologia (USP), com pós-doutorado em Antropologia e Educação (USP). Docente e pesquisadora na UFES junto ao Departamento de Educação, Política e Sociedade, ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação e ao NEAB. Produz conhecimentos em Educação das Relações Étnico-Raciais, com Povos Tradicionais de Matriz Africana e com Religiões Afro-brasileiras



SUMÁRIO

1 PENSANDO POSSIBILIDADES.	05
2 NOSSAS CAUSAS	06
3 UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL, ANCESTRAL E AFROCENTRADA	07
4 PROPOSTAS DE CÍRCULOS ANTIRRACISTAS PARA ESTUDANTE	10
4.1 CÍRCULO ANTIRRACISTA DE ENFRENTAMENTO AO BULLYING	10
4.2 PAPO CALCINHA E PAPO CUECA.	11
4.3 LITERATURA NEGRA: ENCANTO, DIVERSIDADE E CONHECIMENTO	12
4.4 APELIDOS E ESTEREÓTIPOS	13
4.5 ONDE GUARDAMOS O NOSSO RACISMO	14
4.6 EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO RACISMO	15
4.7 PROVÉRBIOS DE ORIGEM AFRICANA E SEUS ENCAMINHAMENTOS	16
5 CONSIDERAÇÕES: ALGUNS PONTOS	18
6 REFERÊNCIAS	18

1. PENSANDO POSSIBILIDADES



Njila vem a ser uma expressão em língua quimbundo com o sentido de caminhos bifurcados, encruzilhadas, possibilidades ou conversas. A expressão também faz referência às práticas africanas, geralmente em rodas, onde se reuniam para corrigir alguém pelas falhas cometidas. Por isso nos remete às escolhas que devemos fazer diante das adversidades, tendo a escuta e diálogo como diretrizes para a ação.

Nascido da pesquisa de mestrado “Os Círculos de Diálogos na construção de práticas educacionais antirracistas”, o presente produto educacional **Njila: Círculos antirracistas na educação básica**, resultou da dinâmica metodológica desenvolvida no decorrer da pesquisa-ação, dos encaminhamentos feitos durante e após as entrevistas e também das proposições tecidas pela banca de qualificação do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Ressignificamos aqui possibilidades de vivência de alguns elementos dos Círculos de Construção de Paz pensados para a discussão das relações étnico-raciais, para o conhecimento de outras epistemologias existentes e invisibilizadas pela colonialidade do saber e do poder. Com isso objetivamos o desenvolvimento de práticas antirracistas com os/as estudantes e a sensibilização de profissionais da educação para o trabalho e implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), de forma contínua.

Mostraremos as ações pensadas e propostas pelos/as participantes da pesquisa para suas turmas, considerando suas necessidades e outras questões nascidas durante este estudo. No texto da dissertação descrevemos os planejamentos dos Círculos realizados juntos aos profissionais da educação da escola, e também a sugestão de outros procedimentos junto aos adultos.

A pesquisa, Os Círculos de Diálogos na construção de práticas educacionais antirracistas, objetivou analisar a metodologia restaurativa dos Círculos de Diálogos, estratégia defendida por Kay Pranis (2010) numa perspectiva antirracista e decolonial. Vislumbramos a identificação, reflexão, desconstrução de práticas racistas nas unidades escolares bem como a constituição de práticas mais justas, includentes e democráticas.

A circularidade está presente em muitas sociedades ancestrais, dentre elas as africanas, onde se constitui num valor civilizatório expresso na cultura brasileira. Presente nas rodas de capoeira, roda de samba, no



2. NOSSAS CAUSAS

xirê "(palavra em iorubá que significa roda, ou dança utilizada para evocação dos Orixás conforme a comunidade de candomblé), nas histórias ao redor da fogueira a roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afro brasileiro, pois aponta para o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade" (TRINDADE, 2010, p. 34).

2. NOSSAS CAUSAS

O Brasil, país de maior população negra fora de África carrega o triste legado de ser a última nação americana a abolir a escravidão. Mesmo tendo completado 20 anos da aprovação da Lei nº 10.639/2003, que altera o art. 26A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB, e trata da obrigatoriedade de ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana e das Diretrizes Curriculares (2004), ele ainda enfrenta dificuldades para a discussão da educação das relações étnico-raciais nos espaços da educação escolar.

Situação complexa situada na máxima colonial interessada na manutenção da estrutura social desigual e excludente ao impedir/dificultar avanços no sentido de garantir direitos de acesso, de representação social, política e econômica aos grupos tratados como minorias. São práticas de racismo epistêmico. Portanto, negar o conhecimento histórico das nossas origens ancestrais constitui mecanismo utilizado para a perpetuação dos mesmos grupos sociais no poder, pois conforme Munanga

a história de um povo é o ponto de partida do processo de construção de sua identidade, além de outros constitutivos como a cultura, os comportamentos coletivos, a geografia dos corpos, a língua, a territorialidade etc. Não é por acaso que todas as ideologias de dominação tentaram falsificar e destruir as histórias dos povos que dominaram. (MUNANGA, 2015, p. 63)

Outro dado está expresso nos números produzidos pelo IBGE (2018) que confirmam a conjuntura de racismo estrutural onde ser negro no Brasil, comparativamente, significa ser mais pobre que o branco, morar em bairros de periferia, ter mais chances de ir para a prisão, de receber menores salários, de ocupar vagas de subemprego, não ocupar postos de poder/liderança, ter menos acesso aos serviços de saúde, negação de acesso ao conhecimento, maior probabilidade de morrer mais cedo, logo, ser subalternizado.

Nas rodas de conversa, por nós denominadas de Círculos de Diálogos antirracistas, onde exercitamos alguns elementos dos Círculos de Kay



3. UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL, ANCESTRAL E AFROCENTRADA

Pranis, identificamos contingências para a escuta das realidades de nossos/as estudantes, seus valores, emoções e para a constituição de uma prática educativa engajada e de empoderamento dos/as historicamente alijados. Principalmente nestes tempos onde se vê vários casos de suicídios e automutilações entre os adolescentes, ataques violentos às escolas e altos índices de evasão escolar, principalmente no pós COVID 19.

3 UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL, ANCESTRAL E AFROCENTRADA

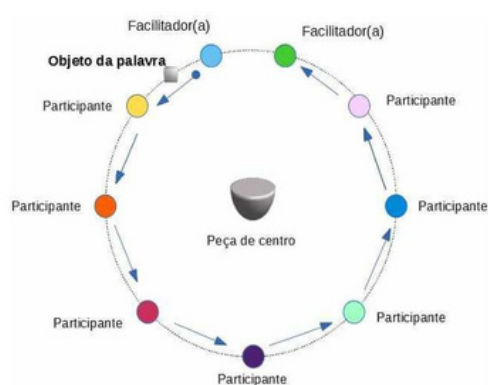


Figura 1: Geometria circular e fluxo do objeto da palavra. Fonte: Apostila para Facilitadores de Processos Circulares

Demandamos uma perspectiva epistemológica antirracista e inclusiva, que traga as vozes e as experiências dos povos e culturas subalternizados pela colonização branca. No caso brasileiro, a perspectiva negra decolonial versa sobre romper não apenas com a colonialidade do poder, mas também do saber, conforme a pedagoga Gomes (2021). Para ela é preciso se afastar do conhecimento eurocêntrico, instituído como universal, para recuperar vozes e pensamentos confiscados pela história. No caso específico da luta antirracista, Gomes (2018) indica que a descolonização dos currículos educacionais, tarefa difícil, deve acontecer numa perspectiva negra decolonial brasileira.

Buscamos nos Círculos de Construção de Paz a possibilidade de articular tais interesses. Inicialmente situamos os Círculos de Diálogos dentro da estrutura dos Círculos de Construção de Paz. E, por sua vez, este se inscreve no âmbito dos Processos Circulares das Práticas Restaurativas.

Pranis (2010) sistematizou essa metodologia a partir das observações e registro das formas de diálogo e rituais de povos aborígenes norte-americanos e canadenses e em culturas ancestrais sem que sua obra



derive de uma tradição específica ou se inspire apenas em recursos das antigas tradições. Assim, os círculos evocam o melhor das pessoas e conduzem ao reaprendizado da convivência e ensinam, na prática, a lidar com as diferenças (PRANIS, 2010).

Essa metodologia passou por adaptações no decorrer do tempo, agregando princípios ancestrais a fontes práticas contemporâneas inseridos nos métodos para transformação dos conflitos, nas práticas restaurativas, na comunicação não-violenta, na escuta qualificada e na construção de consenso, para o alcance de soluções que expressam as necessidades individuais e, ao mesmo tempo, as do grupo.

É uma metodologia de organização de diálogo, reflexão e possível desenvolvimento de planos de ação, sendo estruturada a partir de diversos preceitos. Ela oferece um formato concreto e acessível para atender as necessidades básicas que o ser humano tem, que são as de pertencimento e de significado. Nesse sentido, dialoga com Freire (2021) ao propor o Círculo da Cultura como metodologia promotora do diálogo, da participação, do respeito ao outro, do trabalho em grupo, da dinâmica, de uma construção contínua do conhecimento.

Segundo ele, círculos são espaços nos quais se ensina e se aprende. Espaço em que a preocupação não é o conteúdo, exclusivamente, mas a construção do conhecimento de forma coletiva, através das experiências vividas. No entanto, este não propôs uma estrutura metodológica de aplicação desses círculos, mas Pranis se refere a Freire em suas palestras.

Trindade (2013, p.34) descreveu

Circularidade - a roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afro-brasileiro, pois aponta para o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade: roda de samba, de capoeira, as histórias ao redor da fogueira.

Assim nos aproximamos da metodologia. Reivindicamos sua estrutura para discutir a educação das relações étnico-raciais e o racismo que são formas de violência presentes e estruturantes da sociedade brasileira. Adaptamos aos contextos escolares junto aos valores civilizatórios afro-brasileiros resistentes à diáspora negra.

Sinteticamente, apresentamos cinco elementos que estruturam os Círculos de Construção de Paz. Destacando que há uma formação específica para os/as facilitadores dos círculos. Estes passam por





momentos de imersão na temática, várias horas de estudos e estágios para se capacitarem para a facilitação dos encontros.

ELEMENTOS	DEFINIÇÕES
Cerimônias: abertura e encerramento	Marcam de forma intencional e consciente o tempo e o espaço do Círculo como um lugar especial. As cerimônias promovem o centramento dos participantes. Geralmente uma canção, dança, relaxamento.
Bastão de fala	Um objeto, escolhido pelo grupo, que regula o diálogo à medida que passa de pessoa para pessoa em ordem sequencial. O detentor/a detém o poder da fala e os outros/as devem ouvir sua história.
Facilitador	Por vezes chamado guardião ou cuidador, monitora a qualidade do espaço coletivo e estimula as reflexões do grupo por meio de perguntas ou pautas.
Orientações	São compromissos estabelecidos pelos/as participantes que descrevem os comportamentos que eles/as consideram importantes para transformar o espaço em um lugar seguro onde conseguirão expressar sua verdade. Combinados, apresentação de valores.
Processo decisório consensual	Quando necessárias, são tomadas por consenso e mesmo que o/a participante não se sinta contemplado deve estar disposto/a a viver segundo a mesma, bem como apoiar a sua implementação. Este elemento não pertence ao círculo de Diálogo.

Quadro 5: elementos estruturais da metodologia dos Círculos. Pranis (2010)

Este trabalho não capacita aplicadores dos Círculos de Diálogos. Por meio dele apresentamos parte da metodologia, os valores civilizatórios e a perspectiva decolonial e somos instigados a, por meio de Círculos de Diálogos Antirracistas, provocar a temática étnico-racial no espaço escolar, por meio de rodas de conversas e utilização de alguns dos elementos desse metodologia circular.

Além dos elementos descritos acima, a perguntas constituem o ponto forte dos Círculos antirracistas. Por meio delas trazemos à tona, de forma explícita, os objetivos do encontro. Na atividade principal são apresentadas as perguntas motivadoras das narrativas e contações de histórias. Precisam ser planejadas de forma que possam incentivar a participação dos/as participantes. Vale ressaltar, que as pessoas que não desejarem falar, devem ter seu silêncio acolhido respeitosamente, pois faz parte do processo.

A seguir mostraremos as contribuições dos/as participantes da pesquisa ao pensarem em propostas de intervenção para algumas necessidades específicas desses/as profissionais em suas salas de aula. Publicamos as sete propostas nascidas desse estudo de mestrado como um gesto concreto dos encontros, entrevistas e conversas realizadas.



4 PROPOSTAS DE CÍRCULOS ANTIRRACISTAS PARA ESTUDANTES

4.1 CÍRCULO ANTIRRACISTA: RACISMO NÃO É BULLYING

Objetivos:

Promover a sensibilização do grupo para perceber que a prática do racismo é uma violência e negação de direitos e oportunidades; diferenciar as formas de agressões: racismo difere de bullings.

Participantes e duração

Turma: 4º ano

Período: 2 aulas

▶ Centro do círculo

Brinquedos, jogos, bonecas, emojis expressando sentimentos variados.

Objeto da palavra

Girafa de pelúcia ou outro brinquedo escolhido pelo grupo.

Diagnóstico inicial

Conte-nos como você estava se sentindo hoje, ao chegar na escola

Orientações e combinados

Estimular a fala dos/as estudantes. Sentir-se à vontade; postura de sigilo/ética; respeito à fala e dúvida do outro, dentre outros.

Perguntas motivadoras

- Você falou um sentimento no início do encontro. Agora nos conte por que você estava se sentindo assim?
- Aqui na escola quais situações te fazem sentir-se feliz ou triste?
- Alguma vez você magoou alguém aqui na escola?
- Racismo é uma prática sistemática de desvalorização do outro, estrutura a sociedade, tem por objetivo privilegiar/conferir vantagens a um grupo em detrimento do outro. Assim, na sua sala ou na escola há práticas racistas? Quando elas se manifestam?

Diagnóstico de final

Como você está se sentindo ao terminar este encontro?

(Utilize um dos emojis presentes no centro do círculo para representar seus sentimentos atuais.

Agradeça a participação do grupo.





PROPOSTAS DE CÍRCULOS ANTIRRACISTAS PARA ESTUDANTES

4.2 PAPO CALCINHA E PAPO CUECA COM AS PRETAS E OS PRETOS

Objetivos:

Sondar os conhecimentos trazidos pelos estudantes, maioria negra, acerca da prevenção para gravidez na adolescência; enfrentar o desconhecimento sobre sexualidade que gera os índices de gravidezes entre as adolescentes; perceber os julgamentos acerca das mulheres que engravidam.

Participantes e duração

Turma: 9º ano
Período: 2 aulas

▶ Centro do círculo

Apresentar imagens coloridas de útero, sistema reprodutivo masculino e feminino. Peças do vestuário feminino (shortinho e top), ovo de galinha cru, preservativos feminino e masculinos, espelho, despertador.

Objeto da palavra

Ovo de galinha cru.

Diagnóstico inicial

O conhecimento que você tem sobre sexualidade é suficiente para evitar uma gravidez?



Orientações e combinados

Acordar sobre o respeito à fala de cada colega, sigilo/postura ética, evitar julgamentos, autorização de fotografias.

Perguntas motivadoras

- Qual a importância do seu corpo?
- Em relação a sexualidade como você cuida de seu corpo?
- Qual a melhor forma de obter informações sobre a sexualidade e prevenção à doenças e gravidez?
- De que forma você acompanha as situações de gravidez entre os adolescentes? Como vocês percebem a vida dessas pessoas?
- Dentre os adolescentes que engravidaram na adolescência, a maioria é de qual origem étnico-racial?
- E os pais adolescentes? Os homens tem as vidas alteradas com a gravidez das parceiras? O que vocês observam e desejam compartilhar com o grupo?

Diagnóstico de final

Por favor, conte ao grupo:

- Como você se imagina daqui a dez anos?
- Estamos terminando nosso encontro, como você está saindo dessa aula? Diga sua opinião em uma palavra.

Cerimônia de encerramento

Em uma folha de papel escreva perguntas com dúvidas que você tem em relação ao tema e nunca teve coragem de perguntar, sem se identificar e sem expor o outro.



PROPOSTAS DE CÍRCULOS ANTIRRACISTAS PARA ESTUDANTES

4.6 EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO RACISMO

Objetivo:

Conscientizar a respeito dos efeitos psicossociais do racismo sobre as vítimas e agressores.

Participantes e duração

Turma: 6 ao 9º ano
Período: 2 aulas

Centro do círculo

Notícias jornalísticas impressas sobre práticas racistas no Brasil e no mundo, tapete, água, planta, pentes variados.

Objeto da palavra

Um pente, escolhido pelo grupo.

Diagnóstico inicial

Qual notícia você gostaria de ler ou ouvir nos jornais de amanhã?

Perguntas motivadoras

Explicar: Dores diferentes nos atingem. Algumas dores são físicas como cortes, hematomas, ou dores de cabeça. Algumas dores têm a ver com nossos corações e sentimentos. No Brasil vários casos de racismo são noticiados diariamente e outros não chegam aos jornais. Temos casos de pessoas negras sendo perseguidas e constrangidas em lojas, ofendidas pessoalmente e nas redes sociais e o caso dos ataques ao jogador Vinicius Jr. que tem visibilidade mundial.

- Que tipo de dor machuca o seu coração?
- Quais devem ser as emoções de uma pessoa que passa por situações racistas?
- Quais devem ser as emoções de quem praticou o racismo?
- Como você reagiria ao presenciar uma prática racista contra um/a amigo/a?
- Imagine de que forma você reagiria se fosse o jogador Vini Jr.?

Diagnóstico de final

Responda o que você está levando para casa desse Círculo que poderia ajudar você ou outra pessoa no futuro?

Agradeça a participação do grupo.





PROPOSTAS DE CÍRCULOS ANTIRRACISTAS PARA ESTUDANTES

4.4 APELIDOS E ESTEREÓTIPOS

Objetivo:

Refletir a respeito dos prejuízos e danos causados pelos apelidos e estereótipos em nossas vidas.

Participantes e duração

Turma: 5º ano
Período: 3 aulas

Centro do círculo

Tapete, brinquedos, imagens de pessoas com diversas características físicas, frases com expressões antirracistas.

Objeto da palavra

A escolha do grupo.

Diagnóstico inicial

Faça um acróstico com a palavra APELIDO. Escreva características do que essa palavra significa para você.

Perguntas motivadoras

- Quando os pais descobrem a gestação de uma criança iniciam os preparativos para sua vinda com muito cuidado e preocupações. Um dos primeiros desafios é sobre a escolha do nome que irá atribuir a nova vida que está por vir. Você gosta do seu nome? Por quê?
- Conte uma ocasião onde você já viu/ouviu alguém tratando outra pessoa com palavras/apelidos agressivos, que ofendem, humilham e fazem a pessoa se sentir mal.
- Você reconhece que alguma vez falou algo que a ofendeu outra pessoa? Responda se sim ou se não.
- A maioria das pessoas negras, desde crianças, vivem experiências racistas nos vários locais onde frequentam. Para você, o que sente uma pessoa ao vivenciar uma prática racista onde é xingada como ocorreu com o jogador Vini Júnior na Espanha?

Encerramento

Dinâmica da imagem amassada. Escrever, numa folha de papel ou sobre as imagens dispostas no centro da palavra os apelidos ofensivos que mais utilizam ou os mais ouvidos. Depois amassar o papel e refletir sobre a situação daquela imagens após toda aquela agressão, reponda:

- A imagem continua sendo a mesma?
- A pessoa ofendida se sente de que forma após as agressões verbais?
- O que significa a folha amassada?

Diagnóstico de final

Se você fosse uma característica do tempo (sol, chuva, temporal, nublado, frio, chovendo...) como estaria esse tempo hoje?





PROPOSTAS DE CÍRCULOS ANTIRRACISTAS PARA ESTUDANTES

4.5 ONDE GUARDAMOS O RACISMO?

Objetivos:

Identificar os conhecimentos e opiniões dos estudantes sobre as experiências/práticas racistas.

Participantes e duração

Turma: 6 ao 9º ano
Período: 2 aulas

Centro do círculo

Tapete, planta, girafa, objetos de estimação trazidos de casa, material escolar, esponja modeladora de cabelos, livros de literatura negra e não negra, páginas de revistas com diversos tipos seres humanos.

Objeto da palavra

Esponja modeladora para cabelo "nudread".

Diagnóstico inicial

Apresentar-se a partir do objeto que trouxe de casa e motivos da escolha.

Orientações e combinados

Explicar o funcionamento do Círculo e o objeto da palavra.

Perguntas motivadoras

Apresentar imagens de capas de livros de literatura com personagens brancos (contos de fada clássicos e nacionais) e da literatura negra. Explicar que as imagens representam livros que fazem e fizeram parte da constituição humana de muitos de nós.

- Qual comentário você gostaria de apresentar sobre essas literaturas?
- Para você existe racismo no Brasil? Por que você tem essa percepção?
- Como você reage às situações de racismo que presencia? O que faz para lidar com essa situação?

Diagnóstico de final

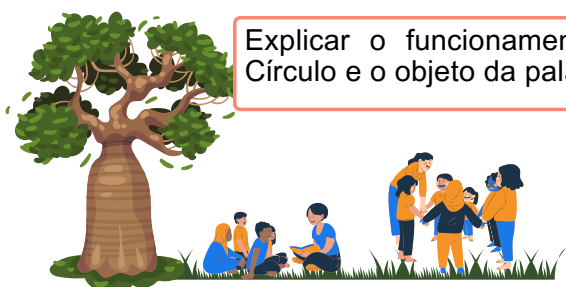
Se você fosse dar um nome a este encontro, qual seria?

Cerimônia de encerramento

Sawabona e Shikoba (conto).
Contar o significado desse cumprimento zulu. Depois convidar aos/as participantes que façam este votos/elogios entre si.

Sawabona e Shikoba. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-esta-faltando-cadeias-esta-faltando-e-tronco-em-praca-publica-por-douglas-belchior/>

Esponja modeladora nudread





PROPOSTAS DE CÍRCULOS ANTIRRACISTAS PARA ESTUDANTES

4.6 EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO RACISMO

Objetivo:

Conscientizar a respeito dos efeitos psicossociais do racismo sobre as vítimas e agressores.

Participantes e duração

Turma: 6 ao 9º ano
Período: 2 aulas

Centro do círculo

Notícias jornalísticas impressas sobre práticas racistas no Brasil e no mundo, tapete, água, planta, pentes variados.

Objeto da palavra

Um pente, escolhido pelo grupo.

Diagnóstico inicial

Qual notícia você gostaria de ler ou ouvir nos jornais de amanhã?

Perguntas motivadoras

Explicar: Dores diferentes nos atingem. Algumas dores são físicas como cortes, hematomas, ou dores de cabeça. Algumas dores têm a ver com nossos corações e sentimentos. No Brasil vários casos de racismo são noticiados diariamente e outros não chegam aos jornais. Temos casos de pessoas negras sendo perseguidas e constrangidas em lojas, ofendidas pessoalmente e nas redes sociais e o caso dos ataques ao jogador Vinicius Jr. que tem visibilidade mundial.

- Que tipo de dor machuca o seu coração?
- Quais devem ser as emoções de uma pessoa que passa por situações racistas?
- Quais devem ser as emoções de quem praticou o racismo?
- Como você reagiria ao presenciar uma prática racista contra um/a amigo/a?
- Imagine de que forma você reagiria se fosse o jogador Vini Jr.?

Diagnóstico de final

Responda o que você está levando para casa desse Círculo que poderia ajudar você ou outra pessoa no futuro?

Agradeça a participação do grupo.





PROPOSTAS DE CÍRCULOS ANTIRRACISTAS PARA ESTUDANTES

4.7 PROVÉRBIOS DE ORIGEM AFRICANA E SEUS ENSINAMENTOS

Objetivos:

Conhecer outros provérbios de origens não hegemônicas eurocêntricas que trazem ensinamentos referentes à convivência humana; compreender que os provérbios carregam os valores culturais dos povos que o produziram.

Participantes e duração

Turma: 6º ao 9º ano

Período: 2 aulas

Centro do círculo

Pandeiro, berimbau, chocalhos, objetos diversos que remetem à diferentes culturas, frases contendo provérbios de origem atribuídos às sociedades africanas, livro Filosofias Africanas de Lopes, Simas (2021)

Objeto da palavra

Permitir que o grupo faça a escolha de um dos objetos do centro do círculo.

Diagnóstico inicial

Conte-nos como você está chegando a essa aula e também fale se há um provérbio (ditado popular) utilizado por sua família quando querem lhe ensinar algum valor.



Perguntas motivadoras

Neste momento, convide os estudantes a formarem duplas com o colega ao lado. Cada dupla anda pelo círculo e escolhe um provérbio. Depois devem, em conjunto, apresentar o sentido desse provérbio para si e para aquelas comunidades de onde se originaram. (No final da atividade segue uma lista de provérbios retirados do livro Filosofias africanas: uma introdução).

a. Apresente-nos o provérbio que vocês escolheram e diga quais os ensinamentos que vocês identificaram nele.

b. Vocês discordam de algum dos provérbios apresentados? Compartilhem conosco.

c. Todas as sociedades possuem valores culturais, religiosos e sociais. Conte-nos um valor que vocês identificaram nos provérbios que acabamos de conhecer.

Cerimônia de encerramento

Convide a todos para que fiquem de pé. Explique que o diagnóstico final será feito com nossos corpos, sem usar palavras. Um por um, ao redor do círculo, irá fazer uma mímica que mostre como se sentem neste momento. Na sequência, todos/as repetem os movimentos. Lembramos que é possível passar a vez.



Agradeça a participação do grupo.



PROVÉRBIOS DE ORIGEM AFRICANA E SEUS ENSINAMENTOS

LOCALIZAÇÃO	PROVÉRBIOS
África Centro-ocidental: Angola, Congo-Kinshasa, Camarões, Gabão.	O saber é melhor que a riqueza.
	O homem é igual a vinho de dendê: quando novo, é doce, mas quando velho, é forte, mas rascante (agressivo aos ouvidos).
	A morte não emite som de trombeta.
	Quem não tem defeitos tem vida eterna.
	Quem sofre na casa-grande se desforra na senzala.
África Ocidental: Guiné, Nigéria, Gana, Benin, Níger.	Só depois de atravessar o rio é que se pode rir do crocodilo.
	Uma mentira só estraga mil verdades.
	A lua se move lentamente, mas atravessa a cidade.
	Um rei com bons conselheiros, o seu reinado é de paz.
	Não se vê que um rio é fundo botando nele os dois pés.
	As pernas dos outros não te ajudam a viajar.
	Não saber é ruim. Não querer saber é pior.
	Quem está em maus lençóis sempre se lembra de Deus.
	Quem trepou numa árvore não desce de outra.
O cachorro que anda é que encontra osso.	
África Oriental: Etiópia, somália, quênia, Tanzânia	Quem aprende ensina.
	Teias de aranha unidas podem laçar um leão.
	Contar segredo a um indigno é levar semente em saco furado.
	Dente podre só para de doer arrancado.
	Casa sem mulher é celeiro sem rebanho.
	Se ofender, peça perdão; se ofendido, perdoe.
	A adversidade é a melhor conselheira.
	A pobreza escraviza.
Sabedoria não vem da noite para o dia.	
África Austral: Zimbábue, Malaui, Suazilândia, África do Sul e vizinhanças.	Tristeza é rico tesouro: só se mostra aos amigos.
	Quem atravessa rio em bando não tem medo de crocodilo.
	Se você está construindo uma casa e um prego quebra, você para de construir ou troca o prego?
	Bracelete apertado, mesmo brilhando, a gente joga fora.
	Um dedo sozinho não mata nem piolho.
	Tudo o que se fala tem dois significados.
	A experiência é que faz do tolo um sábio.
	O cavalo tem quatro pernas, mas assim mesmo ele cai.
O figo mais bonito pode ter um bicho dentro.	





5. CONSIDERAÇÕES

5 CONSIDERAÇÕES: ALGUNS PONTOS

Por meio deste produto educacional, nos desafiamos a identificar e apreender a riqueza que há na diversidade humana, pois nossa educação considerou o aspecto monológico de compreensão do mundo, sujeitando-nos um lugar de passividade, paralisia e imobilidade produtora de desencantamentos (Rufino, 2019), bem como invisibilizou e apagou por meio do epistemicídio diversos saberes outros negando-nos o conhecimentos de nossas histórias.

Efetivamos um convite ao encantamento, à ampliação e a troca de lentes na compreensão do mundo. Pensar fora das caixinhas da colonialidade em uma postura contra-hegemônica, decolonial e por vias de transformação. Demandamos o exercício de uma pedagogia engajada, seja por meio de Círculos Diálogos, ou de rodas de conversas, ou da escuta do/a estudante que levantou a mão solicitando o direito de falar. Quando formos requeridos, que possamos ouvi-los, praticar a escuta empática e as necessidades desses/as sejam o ponto de partida para nosso fazer pedagógico.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018

BRASIL 2003. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003.

BRASIL, 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

GOMES, Nilma Lino Gomes. O movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson, Grosfoguel, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 223-247.





FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador. EDUFBA, 2008. Tradução de Renato da Silveira.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, [S. l.], v. 33, n. 59, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27991>. Acesso em: 6 jun. 2022.

hooks, bell. **Intelectuais Negras**. Florianópolis: Estudos Feministas v. 3, n. 2, Trad. Marcos Santarrita, 1995.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como mulher negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

LOPES, Nei. SIMAS, Luiz Antonio. **Filosofias africanas: uma introdução**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2021.

MUNANGA, K. Por que ensinar a história do negro na escola brasileira? **NGUZU: Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 1, p. 62-67, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0020-38742015000300020&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 06 Set. 2021.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **O que é uma educação decolonial?** Academia.edu. Rio de Janeiro. "s.d"

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Da ancestralidade à opção decolonial: o que aprendemos com nossa própria história**. RevistAleph, v. 1, n. 38, 16 fev. 2022. Acesso em: 06 junho. 2022

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHREEN, Isabella. **Efeitos psicossociais do racismo afetam reconhecimento individual de negros**. Portal Geledés. 01/05/2016. Disponível em <https://www.geledes.org.br/efeitos-psicossociais-do-racismo-afetam-reconhecimento-individual-de-negros/> . Acesso em 11 de Mar.2023

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro: vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da. (orgs.). **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil** In: TRINDADE, Azoilda Loretto da. (Org.) Africanidades brasileiras e educação: Salto para o Futuro. Rio de Janeiro: ACERP, 2013.



Para acessar este e-book online acesse a página do PPGMPE: <https://educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGMPE/disserta%C3%A7%C3%B5es-defendidas>